



Leônidas Grillo

Na Brasília do início, o futebol era a alegria dos candangos

Arquivo Público



NOS PRIMEIROS ANOS DA CAPITAL, A DIVERSÃO ERA O FUTEBOL. TODA EMPREITEIRA MANTINHA UM TIME DE OPERÁRIOS, E A DISPUTA ERA ACIRRADA

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Na boléia do caminhão carregado de garrafas de água mineral que o trazia para Brasília, o jogador de futebol Leônidas Grillo, o Léo, imaginava sua nova vida na recém-inaugurada capital federal. O lugar era garantido, não lhe preocupava. Vinha atrás de emprego.

Na sua cidade natal, São Lourenço (MG), o motorista do caminhão trouxera-lhe uma mensagem do amigo Alfredo de Lucas. Ex-diretor do Esporte Clube São Lourenço, do qual Léo fazia parte, Lucas já conhecia o futebol do pioneiro e mandava chamá-lo porque, na nova capital, as peladas e torneios promovidos pelas empresas instaladas aqui eram a única diversão dos candangos. O caminhoneiro, por sua vez, convenciu-o a acompanhá-lo na viagem para cá, contando sobre a fartura de trabalho e ótimas oportunidades de salário que a construção de Brasília oferecia. "Queria arrumar um trabalho bom porque a carreira no futebol não é pra toda a vida", afirma.

A viagem demorou três dias. O desembarque foi na Vila Planalto, em outubro de 1960, uma quinta-feira. A cidade lhe parecia esquisita, todas as construções de madeira, vários acampamentos de trabalhadores, obras incompletas por todos os lados, muita poeira. Nos dois primeiros dias, instalou-se na casa do amigo Lu-

cas, que tinha um bar na Vila. Mas a disponibilidade de vagas de trabalho era realmente impressionante. "Ninguém ficava sem emprego", conta.

Os treinos de futebol não demoraram a começar. Na sexta-feira, Léo já era integrante do Esporte Clube Planalto, time mantido pela construtora Planalto, uma das tantas que, sob administração da Novacap, eram encarregadas de concluir a construção da nova capital. Por conta disso, foi contratado pela construtora como fiscal de alojamentos e residências oficiais. "Havia uma seleção para escolher a função que exerceríamos", conta.

"Fiquei com esta vaga porque sabia ler e escrever bem", conclui.

O trabalho era simples, nem um pouco cansativo. Consistia em averiguar os alojamentos da construtora no acampamento e as residências oficiais dos funcionários de alto escalão da Administração Federal. "Havia verdadeiras mansões de madeira na Vila, muitas autoridades preferiam morar lá, inclusive o presidente Castelo Branco", explica Léo.

Campo de guerra

Mas a precariedade da vida aqui era exaustiva. No cotidiano da pequena São Lourenço, aos 20 anos de idade, Léo vivia no con-

forto de estar perto da família. Acostumado a jogar bola, ir ao cinema, paquerar e não ter grandes preocupações, ele sofria com a solidão do acampamento. Não era o único. Lembra-se de inúmeras vezes ter ouvido colegas chorando durante a noite, outros dividindo as saudades das pessoas que deixaram para trás.

Todos os dias, às 17h, quando os caminhões deixavam os candangos nos acampamentos depois de um dia de trabalho que começava de madrugada, Léo se desesperava. "Eram mais de cem caminhões carregados de trabalhadores que chegavam batendo capô como se estivéssemos

numa guerra", recorda-se. "Fora isso, ainda tinha a poeira que levantava do chão e a necessidade de conviver apenas entre homens, pois não havia mulheres aqui", completa.

Não havia é exagero, Léo se lembra de três personalidades femininas que eram encarregadas de lavar as roupas das autoridades, de cama, mesa, banho e vestuário. Respeitadas por todos devido ao trabalho que faziam, Dodô, Domingas e Aparecida eram as únicas mulheres que podiam passear na Vila sem constrangimentos. "Qualquer outra que aparecesse ali chamaria a atenção de todos", afirma Léo.

PIONEIROS

O futebol foi o caminho encontrado pelo pioneiro para construir a vida em Brasília. De São Lourenço partiu em 1960 para jogar bola e trabalhar na capital recém-inaugurada

FOI NO GUARÁ
QUE LÉO E A
ESPOSA, LUZIA,
CRIARAM OS
TRÊS FILHOS



“

HAVIA
VERDADEIRAS
MANSÕES DE
MADEIRA NA
VILA
(PLANALTO),
MUITAS
AUTORIDADES
PREFERIAM
MORAR LÁ,
INCLUSIVE O
PRESIDENTE
CASTELO BRANCO

”

Por causa da falta de mulheres e lazer na cidade, todos os finais de semana as construtoras enchiam seus caminhões de candangos e os levavam até as cidades goianas vizinhas — Formosa, Luziânia e Anápolis. Além destes passeios, a única diversão dos trabalhadores era o futebol.

Futebol candango

Os candangos eram mesmo enlouquecidos pelas partidas que aconteciam nos acampamentos das companhias. Cada companhia investia alto na formação e manutenção de seus times. Os jogadores eram dispensados do trabalho mais cedo que os outros e treinavam em campos construídos nos próprios acampamentos. Os diretores das companhias também presidiam os times.

Em quase todos os fins de semana havia partida de futebol. Cada vez em um acampamento diferente. Léo recorda-se de pelo menos seis campos além do da Planalto — os da Nacional, do Departamento de Força e Luz (DFL), da Alvorada, da Rabelo, da Pederneiras e da Metropolitana, que não ficava na Vila.

O público dos jogos não perdia em nada para qualquer torneio de outro estado. Cerca de 4 mil

pessoas torciam emocionadas por seus times do coração, que tinham os mesmos nomes das companhias, com exceção do Defelê, da DFL, time que obteve o maior número de vitórias na Capital Federal. Os ânimos ficavam tão acirrados nas partidas que a briga no campo era transferida para os acampamentos. “Quem trabalhava na Rabelo não podia encontrar com o pessoal da DFL que dava confusão na certa”, diverte-se Léo.

Na torcida, engenheiros, militares, funcionários de alto escalão e candangos se misturavam em torno da maior paixão brasileira de todos os tempos.

O futebol de Léo, que jogava na posição de volante, rapidamente levou o Defelê a interessar-se pelo seu passe. A forma de contratar os jogadores aqui era simples. Se o atleta se interessasse, a companhia do time em questão tratava de inseri-lo em algum de seus trabalhos. Dessa maneira, em 1961, Léo passou a exercer a função de fiscal de cabos e redes aéreas de alta-tensão junto à DFL. Neste ofício, teve a oportunidade de participar da construção das subestações de energia elétrica números 1 e 2, localizadas no

Setor de Embaixadas e na 903 Sul, respectivamente.

Em 1962, junto ao Defelê, derrotou a seleção amadora do Chile por 2 a 1, jogo assistido por pelo menos 3 mil pessoas, segundo descreve o mineiro. As companhias não economizavam na organização dos jogos. Naquela época, vários times de outros estados estiveram disputando em Brasília, entre eles nomes como Atlético Mineiro, Cruzeiro e as seleções do Piauí e Ceará. “No acampamento do DFL, por exemplo, havia um alojamento especial só para receber os jogadores convidados”, conta Léo.

Guará

Em 1973, todos os acampamentos das companhias instalados na Vila Planalto foram demolidos. Houve muita confusão para efetivar a ação de retirada dos candangos do local porque ninguém queria deixar a pequena comunidade onde muitos viviam há mais de dez anos, como o jogador Léo. “Depois de algum tempo, todos nós que reclamávamos da situação na Vila passamos a amá-la e não queríamos viver em outro lugar”, afirma.

Para garantir a moradia dos candangos fora dali, o Governo do

Distrito Federal dava preferência na entrega das casas da extinta XIS, projeto de moradias populares nas cidades do Gama, Guará e Taguatinga. Nesta época, Léo já havia deixado o futebol e era funcionário da Secretaria de Serviço Público. Sem escolha, terminou recebendo uma casa no Guará.

A cidade ainda estava por construir, as ruas sem asfalto e a rede de tratamento de esgoto ainda sendo formada. Quando chovia, fazia tanta lama que o ônibus que levava as pessoas do Plano Piloto para lá não era o mesmo que circulava dentro da cidade, havia um especialmente para isso.

O tamanho das casas era proporcional ao número de pessoas da família do trabalhador beneficiado. Solteiro ainda e sem filhos, Léo terminou ficando com uma *casa zero quarto*, como chamavam na época a construção com sala, banheiro e cozinha.

A moradia ainda é a mesma ocupada por Léo, a esposa Luzia Maria Moreira e os três filhos, Anthony Leonardo, Anderson Clayton e Ludmila Aparecida. Mas a construção original foi derrubada, dando lugar a uma bela residência de três andares. “Não teria conseguido nada disso se não tivesse aceitado vir para Brasília.”

Raio X

Nome:
Leônidas Grillo
Idade:
64 anos
Ano de chegada a Brasília:
1960
Origem:
São Lourenço, Minas Gerais
Profissão:
Servidor aposentado
Esposa:
Luzia Maria Moreira Grillo
Filhos:
Anthony Leonardo, Anderson Clayton, Ludmila Aparecida